

Poligamia guarani e metodologia inaciana: reflexões acerca de uma fonte

José Luiz Costa Neto*

Resumo: Uma conhecida passagem da obra “Conquista espiritual”, do padre Antonio Ruiz de Montoya, tem sido utilizada para corroborar a tese de que os jesuítas perceberam a poligamia guarani como o maior empecilho ao projeto reducional. O presente estudo configura-se numa crítica a essa proposta interpretativa, demonstrando que a referida passagem apresenta, sobretudo, uma metodologia inaciana que deriva da maior tolerância dispensada pelos quadros da Companhia Jesus à poligamia frente às outras práticas nativas. A partir disso, pretende-se demonstrar de que modo essa tolerância metodológica contribuiu para algumas das peculiaridades do contato entre inacianos e Guarani no Rio da Prata.

Palavras-chave: Metodologia inaciana – Poligamia – Lideranças guarani.

Abstract: An acquaintance fragment of the book “Conquista Espiritual”, of priest Antonio Ruiz de Montoya, it has been used to corroborate the idea that the Jesuits would see in the polygamy Guaranis the largest obstacle to the project of the Company of Jesus. The present study is checked in a critic to this interpretative proposal, demonstrating that this referred passage presents, above all, a jesuit methodology that derive of the largest tolerance dispensed to the polygamy by the members of Company of Jesus front to the other native practices. Starting from that, it intends to demonstrate that way that tolerance methodology contributed to some of the peculiarities of the contact between Jesuits and Guaranis in Rio da Prata.

Keywords: Jesuit methodology – Polygamy – Leaders guaranis.

Há algum tempo os estudos sobre as missões jesuíticas do Rio da Prata sugerem que os inacianos apreenderam a poligamia guarani como o maior empecilho ao projeto reducional. De acordo com Bartomeu Melià (1988: 110), “*los misioneros de los pueblos de Loreto y San Ignacio, entre ellos el mismo Montoya, pensaban que a poligamia estaba tan arraigada entre los Guaraní, que era mejor no problematizarla de entrada*”. O autor ainda salienta que, especialmente entre os caciques, a conversão ao cristianismo era muitas vezes sinônimo de aceitação da monogamia. Quase dois decênios depois, Carlos Fausto (2005: 410) retoma o argumento de Melià, ao afirmar que “no século XVII, ao menos aos olhos de Montoya, o grande impedimento à conversão não era a antropofagia, mas sim a poligamia, em particular a dos chefes”.

Há pelo menos duas semelhanças nas afirmações dos dois antropólogos. De um lado, há a perspicácia em atribuir aos inacianos a idéia de que a poligamia era a prática mais arraigada e que mais prejuízos trazia ao projeto reducional. Evitam, desse modo, simplificações, tais como tomar os registros com pouca acuidade crítica, interpretando-os

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-RS, bolsista do CNPq.

como um dado objetivo sobre os nativos. De outro lado, há uma mesma referência: o padre Antonio Ruiz de Montoya. Após a mencionada argüição, Melià (1988: 110) apresenta um conhecido trecho da obra “Conquista Espiritual”. De acordo com Montoya:

Fixou-se o tempo de uma hora pela manhã e de outra à tarde, para que todos os adultos viessem à catequese ou doutrina. Ainda que nelas e em todos os sermões dominicais tratássemos com toda a clareza os mistérios de nossa santa fé e os preceitos divinos, quanto ao sexto mandamento por ora guardamos contudo silêncio em público. Era para que não murchassem aquelas plantas tenras e para que não se tornasse odioso o Evangelho, embora instruíssimos da maneira mais evidente possível aos que se achavam em risco de vida. Durou esse nosso silêncio dois anos...¹ (MONTROYA, 1997 [1639]: 111)

Tal passagem, ao contrário daquilo que pressupõe as asserções dos referidos antropólogos, não faz qualquer menção a uma suposta crença inaciana na maior essencialidade da poligamia em detrimento de outras práticas – para fazer alusão a Melià – *problematizadas de entrada* – ou mesmo *de saída*. Portanto, o que o registro supracitado informa?

Trata-se do fato da poligamia configurar-se na prática cujo grau de tolerância dos jesuítas supera o de todos os outros costumes aos quais se propõem extirpar. Em meio a toda sorte de práticas guarani, sobretudo aquelas que Melià (1988: 108-9) aponta como identificadoras dos aspectos mais tradicionais dos indígenas, apenas a poligamia é tolerada por um biênio, enquanto o fenecimento de costumes como a antropofagia, o xamanismo, a couvade e a cauinagem é priorizado. Antes de ser o costume mais arraigado entre os Guarani aos olhos dos padres, a poligamia parece ser o costume mais *tolerável* pelos jesuítas.

A simples contextualização da passagem supramencionada permite sobrepor pelo menos uma importante inferência a esse dado. Tal trecho documental situa-se no capítulo intitulado “Nosso modo de tirar tais abusos e de pregar a fé” – no tópico em que Montoya indica a metodologia utilizada para a redução dos ameríndios. Em nenhum momento Montoya justifica tal procedimento sugerindo que a poligamia fosse a mais indispensável das tradições para os Guarani. Nem mesmo no capítulo anterior², em que diversos costumes são apresentados e descritos, há qualquer menção a uma valoração distinta dessa prática entre os Guarani. Ou seja, as argüições de Montoya nada informam sobre uma maior essencialidade de

¹ A citação de Melià (1988: 111) suprime parte considerável do trecho exposto, apresentando apenas “*todos los domingos tratábamos con toda claridad de los misterios de nuestra santa fe y de los preceptos divinos, [pero] en el sexto [mandamiento] guardamos silencio en público [...]. Duró este silencio dos años*”. Carlos Fausto, por seu turno, não faz alusão direta a esta passagem, apenas cita Ruiz de Montoya como aquele que propunha a poligamia enquanto principal empecilho ao projeto cristão no Rio da Prata. Como o texto Fausto não se pauta por qualquer documento produzido no século XVII além das obras “Vocabulário y tesoro de la lengua guarani” e “Conquista Espiritual”, alvitra-se aqui que o referencial do autor fora o mesmo fragmento. De qualquer modo, trata-se de uma inferência proposta por este estudo.

² Trata-se capítulo X, denominado “Ritos dos índios guaranis”.

tal prática quando comparada às outras, mesmo que sob a ótica jesuítica. Entretanto, sua localização adverte para uma metodologia dos quadros da Companhia de Jesus.

Há, por conseguinte, duas informações: a tolerância jesuítica frente à poligamia e uma metodologia que permitiria “tirar tais abusos e pregar a fé”. Doravante, designar-se-á este par de informações de *tolerância metodológica*.

A partir disso, propõe-se a questão: a quem se dirige essa ação? O registro de Montoya se refere aos sermões matutinos e vespertinos diários e àqueles dominicais. Portanto, há de se salientar que os mesmos são dedicados sobretudo àqueles que se encontram no espaço reducional ou em vias de reduzir-se. Mas se os sermões são direcionados aos neófitos, o silêncio metodológico possuía um alvo mais específico: as chefias indígenas. Como Melià (1988: 112) argumenta, o número de esposas de um único indígena não está dissociado de sua posição na hierarquia do grupo, posto que “*la mayoría de los Guaraní no tenían sino una sola esposa*”.³

Desse modo, se o registro de Montoya salienta uma tolerância inaciana frente à poligamia guarani, tem-se agora que tal procedimento privilegia sobretudo as lideranças nativas. E tal fato não ocorre por acaso, são estes que muitas vezes permitem os bons resultados da obra inaciana ou, mesmo se opondo a ela, garantem a integridade física dos jesuítas.

A obra de Montoya apresenta alguns episódios notáveis. É o caso de Neçu “o maior dos caciques que aqueles ‘países’ conheceram” (MONTROYA, 1997 [1639]: 223). Após receber os inacianos de bom grado, a ponto de erguer uma igreja, Neçu sofre uma catarse e, incitado por outro indígena, volta-se contra os padres. Em seguida dá ordens aos demais caciques para que matem os inacianos da então Redução da Candelária. O evento tem um desenlace trágico, com a morte dos padres Roque Gonzáles, Afonso Rodriguez e João de Castillo. Após a morte deste último, Montoya informa que:

Neçu, de sua parte e para mostrar-se sacerdote, conquanto falso, revestiu-se dos parâmetros litúrgicos [...]. E fez trazer em sua presença as crianças, nas quais tratou de apagar com cerimônias bárbaras o caráter indelével, que elas pelo batismo tinham impresso em suas almas. [...] Logo mais os índios trataram de dar o remate final à sua vitória, pretendendo ir matar os demais padres... (MONTROYA, 1997 [1639]: 228)

Posteriormente, Montoya salienta que o cacique Tambavê, participe ativo do homicídio dos padres, alia-se aos missionários e “tão grande foi sua eficácia em pregar a

³ Branislava Susnik (1988) e Louis Necker (1983), em estudos que discorrem sobre as conseqüências políticas e econômicas da poligamia, também a tomam por privilégio dos caciques.

Cristo que, transformado em Paulo, contribui na conversão de muitos gentis” (MONTROYA, 1997 [1639]: 231). Além disso, como já fora aventado, mesmo quando não estão dispostas a acolher a mensagem cristã, tais lideranças podem ser excepcionais para a integridade física dos inacianos. É o caso da chegada “a uma aldeia ou povo, cujo chefe era um grande cacique, além de mago, de feiticeiro e familiar do demônio” chamado Taubici. De acordo com Montoya:

Esse homem recebeu-nos bem e, embora mau, livrou-nos da morte, porque naquela noite de nossa chegada alguns índios queriam matar-nos e, ainda que estivessem dispostos a fazê-lo, pareceu-lhes que não deviam o sem consulta sua. A isso respondeu-lhes ele: ‘Se vós quiserdes matar os padres, fazei-o, mas eu não vou meter-me nisso!’ Este desdém bastou para que não nos tirassem a vida, quando a esse respeito confabulavam,... (MONTROYA, 1997 [1639]: 51)

Viu-se nas citações acima que as lideranças nativas cumprem um papel fundamental nas relações entre inacianos e Guarani – ora para o sucesso ora para o fracasso dos intentos missionários. Neçu primeiramente facilitou socialização dos padres com os demais indígenas para posteriormente opô-los de forma violenta. Já Tambavê fez o movimento contrário, de inimigo fatal à personagem importante para o projeto jesuítico. Por fim, Taubici que mesmo indiferente aos inacianos dos padres, impediu a morte dos destes. Portanto, essenciais para a concretização dos objetivos inacianos no Rio da Prata, as lideranças indígenas tornam-se o alvo preferencial da tolerância metodológica jesuítica.

A partir das proposições levantadas – metodologia inaciana, tolerância com a poligamia e acuidade na trato com as lideranças nativas – deve-se compreender melhor a asserção levantada por Melià, de que os registros apresentam o reduzir-se enquanto sinônimo de monogamia. Propõe-se que tal correspondência exista na documentação, contudo ela se torna presente nas passagens que se referem aos líderes neófitos, enquanto nas passagens em que surgem líderes que se opõem aos inacianos tal correspondência deixa de existir ou, pelo menos, não é tão significativa. Mesmo quando a poligamia é ressaltada nos referidos discursos, ela vem acompanhada de alusões ao “antigo modo de viver”, ao “viver como nossos avós” e à “liberdade” pré-inacianos.

É o caso de Tayubay ao dirigir-se aos Guarani reduzidos “y a decir contra ellos mil mentiras, y que les quitaban las mancebas, y no las dexavan vivir como sus abuelos” [S.D. (Caixa 15/ Doc 5- 303)]. Ou do “ministro” enviado pelo “demônio” que proclama: “Vivamos ao modo dos antepassados! Que razão têm os padres em acharem mal o termos mulheres em abundância?! É de certo loucura que, deixados os costumes e os bom modo de vida de nossos maiores, nos sujeitemos às novidades que estes padres querem introduzir!” (MONTROYA,

1997 [1639]: 216 e 223-4). Ou, ainda, o “índio mau, apóstata da fé” que coloca o líder Neçu contra os padres, anunciando que:

Vejo que se vai perdendo a liberdade antiga de se andar por vales e selvas! É porque estes sacerdotes estrangeiros nos amontoam em povoados. Isto não se faz em nosso bem, mas para que ouçamos uma doutrina tão oposta aos ritos e costumes de nossos antepassados. E tu, Neçu, se abres os olhos, hás de notar que começas já a perder a reverência devida a teu nome! Porque, se os tigres e as feras desses bosques te estio sujeito, fazendo coisas incríveis em tua defesa, amanhã te verás sujeito – como já o vês em outros – à voz daqueles homens adventícios. As mulheres de que gozas à nossa usança e que te amam, amanhã vê-las-ás que te aborrecem, sendo feitas mulheres de teus próprios escravos. (MONTROYA, 1997 [1639]: 223-4).

Propor que tais discursos enfatizam a poligamia em detrimentos de outros costumes vai ao encontro da proposta de Montoya (1997 [1639]: 216) que vê neles o “tema comum [...] da liberdade da carne”, ao mesmo tempo em que são obliterados da interpretação temas como liberdade, tradição, concepção e ocupação do espaço, relações com a natureza e sobrenatureza, hierarquia, entre outros, que também compõem os discursos expostos.

Como contraponto, tome-se agora um registro que apresenta os Guarani reduzidos e a poligamia. É o próprio Ruiz de Montoya quem relata dois casos interessantes, em carta anua datada de 1628. De acordo com o iniciano:

Un cacique principal que avia mucho tiempo q̃ era Xpiano se envolvió con unas indias infieles y reprehendido del P.º las dexo, pero poco después volvió a su casa una infiel. pero Nuestro Señor le quiso castigar como padre quitandole la vista del cuerpo para darle la del alma, y juntamente le quito el oyr en pena de no aver querido oyr la palabra de dios y amonestaciones del P.º. [...] pero la bondad de Nuestro Señor uso de su misericordia con aquel pobre dandole oydos de repente y al punto hiço llamar al P.º y se confesso mui bien con singulares muestras de dolor. Pidiendo al P.º sacase de su casa aquella India. el P.º lo hiço asi y lo caso con mucho gusto de todos y gloria de Nuestro Señor y poco después murio. [1628 (Caixa 28/ Doc 24- 872)]

Otro Indio Cacique y mui estimado siendo de poca edad [...] oculto siempre ser Xpiano por vivir con la licencia q̃ los gentiles y aunque entraba en la Iglesia los domingos oya el sermón y al evangelio se yba con los gentiles, estaba amancebado con algunas infieles y muy araygado en este vicio. Tocole Nuestro Señor por el medio ordinario que es de enfermedad poniendole casi a punto de muerte. Trato el P.º de baptizarle y el lo rehuso diciendo que en sanando yria a la iglesia en donde aprenderia lo necesario para batiçarse, etc. Convalecio pero no se emendo ni trato de eso mas que si nunca uviera estado enfermo pero queriendo Nuestro Señor traerle a si le dio otra enfermedad tan aguda que le obligo descubrirse al P.º conociendo el castigo del cielo cofesose, y el (que es cosa rara) pidio los oleos y aviendose reconciliado varias vezes dexo esta vida con esperanzas de aver ydo a la del cielo. [1628 (Caixa 28/ Doc 24- 872)]

As trajetórias das personagens acima são entrecortadas por três semelhanças. A primeira, e menos importante para os objetivos do presente estudo, configura-se na morte trágica de ambos. A segunda reside no fato de ambos serem lideranças nativas, tema importante e sobre o qual já se discorreu. A semelhança que por ora interessa configura-se no fato dos indígenas mencionados aceitarem o cristianismo conquanto conservam a poligamia.

Ser um cristão e manter a poligamia não parece ser um equívoco para esses guarani. Assim, os registros posteriores ao primeiro biênio apresentam, quase que exclusivamente, discussões entre jesuítas e Guarani reduzidos pautadas pela poligamia. Se há uma analogia entre poligamia e conversão – e este estudo concorda que de fato haja –, ela resulta do sucesso do artifício inaciano e não de um *status* diferenciado concedido pelos Guarani ao concubinato. O conhecido fragmento de Montoya, quando cruzado com os demais registros produzidos pelos inacianos, revela um procedimento – o silêncio – justificado por uma metodologia cujo escopo é a cristianização dos indígenas. Essa metodologia visaria ao estabelecimento de um contato inicial, que privilegiava as lideranças, para que posteriormente fosse realizada a conversão.

Conseqüentemente, apenas a poligamia surge nos registros enquanto motivo de contendas dialógicas sobre a possibilidade de ser cristão mantendo simultaneamente um costume nativo que se oponha aos padrões normativos cristãos. Alvitra-se no presente estudo que essa situação resulta da *tolerância metodológica* do primeiro biênio. Pautada pela não oposição entre ser cristão e poligâmico, ela faz com que os Guarani permitam-se discutir com padres sobre a possibilidade de dar continuidade à prática, não ocultando-a dos inacianos, posto que veriam ainda a possibilidade de conciliar a nova fé com a antiga prática. O *deixar-se ver* no caso da poligamia e a concomitante dissimulação das demais práticas, torna aquela o principal alvo das contendas no espaço reducional. Seria esse o motivo de haver uma correlação entre o abandono da prática e o reduzir-se.

O mesmo não ocorre com práticas como a antropofagia e o xamanismo, que os registros revelam que continuam a serem realizadas pelos Guarani reduzidos, mesmo que eles não discorram com os padres sobre a possibilidade de dar prosseguimento a elas.⁴ Assim, se há uma preferência distinta pela poligamia em detrimento de outras práticas, ela é, sobretudo, dos inacianos que a toleraram por dois anos e jamais dos Guarani, posto que estes prossigam com toda a sorte de práticas tradicionais, mas sob sigilo. Daí que, conseqüentemente, os registros somente dão conta da continuidade de desses costumes quando os padres são informados por terceiros ou por partícipes arrependidos, posto que raramente os vejam de fato.

⁴ É o caso dos indígenas reduzidos que capturaram cinco inimigos, sendo um sacrificado sobre a sepultura de um cacique que ele havia morto dois anos antes e os demais devorados em um ritual antropofágico. Ao saber de tal evento, o jesuíta “les dixé q̃ como se hazian tales cosas sin darnos aviso dello y [...] les hize un sermon” [1627 (Caixa 28/ Doc 21- 869)]. Sete anos depois um sermão também foi ouvido pela índia reduzida que leva sua filha doente a um “hechizero” e com a morte da rebenta confessa e pede perdão ao padre [1634 (1634 (Caixa 28/ Doc 31- 879))].

A referida metodologia, dando maior flexibilidade à poligamia, conduziria os Guarani reduzidos a ocultarem as demais práticas, investindo todos os seus esforços na tentativa de negociar a possibilidade de dar continuidade à poligamia, em uma espécie de recurso pautado por um precedente. A *tolerância metodológica* estabelece, portanto, o diálogo necessário com as lideranças indígenas para o processo reducional. A redução *de fato*, é antecedida por uma redução *dialógica*.

Portanto, propô-se nas linhas precedentes que o silêncio de que trata Montoya indica uma estratégia inaciana para a redução dos indígenas. Menos uma interpretação do que um método. Se aparentemente há uma maior dificuldade de subsumir a poligamia, ela é induzida pelos inacianos ao balizar quase todas as contendas a ela, donde se entende que o silêncio sobre o sexto mandamento não é fruto da maior essencialidade da prática, mas de uma metodologia bem empregada. O silêncio inaciano no primeiro biênio conduz às queixas indígenas sobre a manutenção da poligamia nos anos seguintes, assim como ao silêncio, agora guarani, naquilo que se refere aos demais costumes. Por conseguinte, a analogia possível entre o abandono da poligamia e reduzir-se surge na documentação em função de uma metodologia inaciana, justificada e com um prazo estipulado, que foi mais “flexível” única e exclusivamente com essa prática; surge também da poligamia como única prática que os Guarani reduzidos insistem em tentar conciliar às claras com o cristianismo (conseqüência da redução dialógica à aludida prática); e, por fim, da permanência oculta de antigas práticas.

Bibliografia

- FAUSTO, Carlos. *Se Deus fosse jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani (séculos XVI-XX)*. In: **Mana**. Vol.11, nº. 2. Rio de Janeiro: 2005.
- MELIÀ, Bartomeu. *El guaraní conquistado y reducido: ensayos de etnohistoria*. Asunción: Univ. Católica, 1988.
- NECKER, Louis. *La reacción de los guaraníes frente a la conquista española de Paraguay: Movimientos de resistencia indígena*. In: **Suplemento Antropológico**. Vol. XVIII, nº. 1. Asunción: 1983.
- SUSNIK, Branislava. *Etnohistoria del Paraguay: Etnohistoria de los Chaqueños y de los Guaraníes – Bosquejo sintético*. In: **Suplemento Antropológico**. Vol. XXIII, nº. 2. Asunción: 1988.

Fontes documentais

1627. *Annua de la Reduccion de Sant Ignácio del Paraná* (Caixa 28/ Doc 21- 869). In: CEPH/ PUCRS.

1628. *Estado de las reducciones de Guayra. Por Antonio Ruiz de Montoya.* (Caixa 28/ Doc 24- 872). In: CEPH/ PUCRS.
1634. *Estado General de las Doctrinas del Paraná y Uruguay.* (Caixa 28/ Doc 31- 879). In: CEPH/ PUCRS.
- S.D. *Relacion de lo Acaecido em las Reduciones de la Sierra y Especialmente em la de Jesus Maria, Despues del Martirio del P. Cristoval de Mendoza.* (Caixa 15/ Doc 5- 303). In: CEPH/ PUCRS.
- RUIZ DE MONTOYA, Antônio. **Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.